

Mapeando o Assédio de Rua: Uma Visão Sobre o Ciberativismo Feminista do Aplicativo SaiPraLá¹

Marco Antonio PINHEIRO²

Caroline BONAMENTE³

Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, Itajaí, SC

RESUMO

Unindo possibilidades de propagar uma ideia por conta das tecnologias móveis, e a vontade de buscar objetivos em comum, é que surgem ferramentas dentro de movimentos ciberativistas. O objetivo deste trabalho foi de compreender a apropriação do aplicativo SaiPraLá como uma ferramenta de ciberativismo. A metodologia utilizada para desenvolver o estudo foi de caráter descritivo e usou do método qualitativo, por meio de uma entrevista em profundidade, na qual os dados foram tratados por análise de conteúdo. Por fim, pode-se constatar que o aplicativo apropria-se de uma maneira diferenciada como ferramenta ciberativista e oferece mais do que há em sua promessa básica.

PALAVRAS-CHAVE: ciberativismo; tecnologia móvel; ferramentas ciberativistas; feminismo.

INTRODUÇÃO

Um novo modelo altera as relações sociais, políticas e econômicas do nosso cotidiano, e prova disso, são os assuntos que antes eram tabus, esquecidos ou evitados, agora têm tomado seu lugar na mídia online. Dessa maneira, os indivíduos e grupos potencializam suas ações por meio das possibilidades da internet e suas ferramentas, praticando assim, o ciberativismo (ARAÚJO, 2011).

As mulheres que são 53% dos internautas no Brasil (G1, 2015), unem-se para ter ação em movimentos feministas, lutando pelos seus direitos e assim, pela igualdade de gênero (GARCIA, 2015). Nas últimas décadas, esse movimento vem sendo protagonizado por mulheres jovens e conectadas às possibilidades do mundo digital, unindo seus objetivos e abordando temas recorrentes ao seu gênero (O GLOBO, 2016), como por exemplo, o assédio sexual em espaços públicos, sofrido por 99,6% das mulheres no Brasil (THINK OLGA, 2013).

¹ Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Cascavel - PR – 31/05 a 02/06/2018.

² Orientador do trabalho. Mestre em Engenharia de Produção – Mídia e Conhecimento (UFSC) e Bacharel em Ciência da Computação (UNIVALI-SC). Professor de graduação do Curso de Bacharel em Publicidade e Propaganda da UNIVALI. E-mail: mpinheiro@univali.br

³ Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, e-mail: carol.bonamente@hotmail.com

Dentro de um contexto do movimento feminista, a pergunta de pesquisa deste trabalho foi: “Como ocorre a apropriação de aplicativos móveis como ferramentas ciberativistas?”. Visto que, o objeto de estudo foi o aplicativo SaiPraLá, que permite registrar situações de assédio sexual. Aplicativo esse que é uma das poucas ferramentas ciberativistas feministas do Brasil e é exclusivamente para dispositivos móveis. Com o estudo, foi possível expor outras funcionalidades para aplicativos, além das já tradicionais que criam redes sociais, ampliando a visão de marketing em relação às mídias digitais.

Para responder à pergunta de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho foi compreender a apropriação do aplicativo SaiPraLá como uma ferramenta de ciberativismo feminista. Por sua vez, os objetivos específicos foram avaliar a maneira como usam o aplicativo SaiPraLá; conhecer o que motiva as mulheres a usarem; e verificar a eficácia da ferramenta ciberativista feminista. A pesquisa feita por meio de entrevista em profundidade, coletou dados de três mulheres usuárias do aplicativo. Foi realizada através de ligação de voz no Messenger do Facebook, e a discussão dos resultados ocorreu por uma análise de conteúdo.

É possível encontrar a seguir a fundamentação teórica que discute os principais temas relacionados à pesquisa; a metodologia trazendo a forma como este trabalho e a pesquisa estruturam-se; a apresentação e discussão dos dados na qual é introduzido o aplicativo e analisado o conteúdo obtido pela entrevista; além das considerações finais e referências.

TECNOLOGIA E POSSIBILIDADES MÓVEIS

Dentro da cibercultura existem ações na rede com o intuito de democratizar o acesso à informação e tornar mais fácil sua produção, a fim de “aumentar a circulação e o consumo dos bens culturais, reconfigurando as diversas práticas sociais e as estruturas da indústria cultural” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 92). A inteligência coletiva, descrita por Lévy (2003), objetiva a identificação e o enriquecimento das habilidades do indivíduo, a fim de usá-las em prol da comunidade. Sua teoria é baseada em uma inteligência distribuída, na qual nenhum indivíduo sabe de tudo e todos sabem algo, por conseguinte, todo o saber está na humanidade. Essa inteligência coletiva, ainda deve ser constantemente valorizada, encontrando o contexto em que cada saber se enriqueça.

Nas últimas décadas ocorreu um vasto e rápido desenvolvimento tecnológico assistido pelas mudanças nos dispositivos móveis, transformando-se em um aparelho

multifuncional. Essa comunicação móvel, por meio de smartphones e outros aparelhos sem fio, penetra em diferentes culturas e classes sociais, cresce e gera impactos. (LEMOS; JOSGRILBERG, 2009). Cria também, novas formas de mobilização política – os *smart mobs* – movimentos com usuários que se desconhecem e agem juntos, tornando ainda mais complexo o modo de se fazer inteligência coletiva. Os cidadãos têm assim a possibilidade de produzir seu próprio conteúdo pelo aparelho móvel e distribuí-lo pelo ciberespaço (LEMOS; LÉVY, 2010).

A evolução das tecnologias móveis também permitiu a criação de produtos especialmente voltados à esses aparelhos. Os aplicativos para celulares, ou em inglês, *applications* (Apps), possuem cada vez mais sistemas operacionais avançados, recursos e serviços melhores. Silva (2014) cita Apps de redes sociais e até de finanças, em que ambos podem ser acessados pelo celular, e transformam o entretenimento, meio à informação e a solução de problemas, interagindo profundamente cotidiano da população.

Para que o usuário possa compreender a informação no aplicativo e atingir seu objetivo, Fling (2009) explana alguns Contextos nos quais os Apps podem ser especialmente desenvolvidos. O primeiro é o Utilitário, que é o mais básico de todos, pois, possui uma pequena quantia de informação, como as encontradas em calculadoras, aplicativos com previsão do tempo ou relógios. O segundo é de Localização, usado para Apps que se baseiam em locais, podendo conter mapas e listas com localidades das mais diversas. Fling (2009) continua explicando o terceiro tipo, o Informativo, que objetiva prover informação, onde a essência está no usuário verificar o conteúdo e não necessariamente interagir, como os sites de notícias e dicionários. Já o de Produtividade visa aumentar o senso de eficiência do usuário, ajudando-o a completar um objetivo, presente em aplicativos de e-mail, por exemplo. Por fim, os de Imersão Tela Cheia são feitos para capturar toda a atenção do usuário, como os Apps de entretenimento sendo os mais comuns os jogos, reprodutores de mídia.

CIBERATIVISMO

Pelo desenvolvimento descrito nos tópicos anteriores é que se aborda o ciberativismo. A internet expande a questão, adquirindo mais debatedores e melhorando a qualidade da discussão. Na opinião de Malini e Antoun (2013) a combinação entre ciberespaço e comunicação distribuída dão vez a ações coletivas geradas na rede

interativa. Para chegar a diferentes usuários no mundo, os grupos de discussões na internet servem de base de sustentação à movimentos feministas, ambientalistas e estudantis.

O ciberativismo é uma estratégia, praticada e crescente na rede social, quando se publica algo na própria rede, na expectativa que outras pessoas vejam, passem adiante, recomendem e se conectem pelo espaço online (UGARTE, 2008). Esse ciberativismo, de acordo com um levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil, é apresentado como “[...] uma forma de utilização radical das ferramentas da rede, onde indivíduos e grupos têm suas ações políticas potencializadas pelos ambientes midiáticos e descentralizados da internet” (ARAÚJO, 2011, p. 3).

Coelho (2013) ressalta que o ativismo da era digital ganhou maior visibilidade, adesão e participação de pessoas que antes não se envolviam com o ativismo, por conta do crescimento de *tweets*, *retweets*, *likes*, *posts* nas redes sociais, a modo de multiplicar as mesmas ideias. Soma-se a isto a concepção de Ugarte (2008), na qual o ciberativismo é uma estratégia que reúne pessoas por meio da utilização das ferramentas, onde é produzido informação e debate em rede e nas ruas, e que, por fim, acabe por modificar o comportamento de várias pessoas.

Além disso, ele possui o intuito de “comunicar pensando na forma em que outros retransmitirão a sua ideia para outros que, por sua vez, farão o mesmo com outros, em uma cadeia a mais ampla possível” (UGARTE, 2008, p. 79). Ou seja, as ferramentas ciberativistas são facilitantes dessas ações, e possibilitam que os indivíduos as passem adiante. Indivíduo este, caracterizado como um ciberativista, pois utiliza o espaço virtual para propagar um discurso e oferecer ao público as ferramentas que proporcionem às pessoas poder e visibilidade.

FEMINISMO

Com a presença da internet no cotidiano das pessoas, usuários com os mesmos anseios unem-se ainda mais neste ambiente aberto para a expressão de opinião. O feminismo ganhou força neste meio nas últimas décadas. Ele que, em suma, luta pelo “reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos” (GARCIA, 2015, p. 12).

O movimento é considerado a extensão da luta pelos direitos humanos e “[...] tornou-se a palavra (e o estandarte) comum contra todas as causas de opressão feminina e à qual cada mulher, ou categoria feminina, vincularia seus temas e reivindicações”

(CASTELLS, 2010, p. 219). Garcia (2015) ainda defende a ideia de que o movimento existe a todo o momento em que as mulheres tomam consciência, individual ou coletivamente, em relação à opressão, dominação e exploração imposto pelo patriarcado (forma de organização baseada na liderança, autoridade e predomínio do homem sobre a mulher) e buscam a liberdade de seu sexo e mudanças sociais pelos seus direitos por uma vida mais justa. A sororidade, termo atual, muito disseminado nas redes sociais, segundo Souza (2015), trata-se desse encontro entre essas mulheres com espírito de irmandade, que formam um grupo político e ético unidas por assuntos pautados dentro do feminismo contemporâneo.

Pinto (2010) explica que o feminismo percorre uma história no mundo através de ondas. A primeira delas iniciou no final do século XIX, a segunda na década de 1960 e a terceira em meados de 1990. Ao longo dessas ondas, assuntos como direito ao voto, mercado de trabalho, violência, sexualidade, aborto, contracepção e diferenças intragêneros (entre as mulheres) foram pautas. Mais recentemente, fala-se em uma quarta onda, na qual o movimento encontra-se. Matos (2010) sugere uma nova proposta teórica feminista, baseada no feminismo acadêmico, negro, lésbico e masculino. Nos últimos anos, é protagonizada por mulheres jovens conectadas às redes sociais, aliadas às ferramentas tecnológicas que unem objetivos e ideias, sendo seus temas recorrentes o aborto, assédio sexual, igualdade salarial e diferenças intragêneros (O GLOBO, 2016). Bezerra (2016) acredita que feminismo somente nos últimos anos percebeu o grande poder da internet para a organização e empoderamento das mulheres e que, as reflexões e análises sobre esse poder digital estão apenas começando.

ASSÉDIO SEXUAL DE RUA

Uma das pautas feministas é o assédio sexual, considerado como qualquer demonstração sensual ou sexual, isenta da vontade da pessoa a quem se dirige (THINK OLGA, 2014). Suas formas mais comuns são os assobios, comentários de viés sexual, olhares que incomodam, cantadas e contatos sem permissões (PORTAL BRASIL, 2016). Tais ações são enquadradas como assédio pois não têm o consentimento da outra parte e são vistas como ofensas e propostas inadequadas que constrangem, humilham e amedrontam. Uma pesquisa levantada pelo Think Olga (2013) constata que 99,6% das mulheres entrevistadas já sofreram assédio e que 83% destas não acham que ouvir essas “cantadas” é algo agradável.

É algo histórico que esses tipos de comportamentos sejam minimizados e considerados como algum tipo de elogio (PORTAL BRASIL, 2016). Os assobios, olhares e comentários, mesmo sem denotar ato sexual, são uma maneira de “estabelecer o poder e a virilidade moral dos homens sobre os corpos femininos” (SANTOS, 2015, p. 3). A autora acredita que a mulher é submetida à este modelo sem visibilidade, legislação adequada e respostas sociais necessárias às vítimas, e explica que esses atos são baseados nas desigualdades sociais históricas entre gêneros, e que acaba por limitar o direito das mulheres ao espaço público, pois é fato que os homens têm vidas urbanas diferentes.

Ao receber uma abordagem, não há um tipo de protocolo pré-estabelecido do que fazer, pois é fato que muitas mulheres (73%) não respondem ao assediador por ter medo do mesmo reagir negativamente à sua resposta, até mesmo com agressões físicas (THINK OLGA, 2013). Os locais mais comuns do assédio de rua são as próprias ruas (98%), transportes públicos (64%), parques, shoppings, cinemas (80%), balada (77%) e ambientes de trabalho (33%) (THINK OLGA, 2013).

O papel do movimento feminista perante o assédio é de dar apoio e coragem às mulheres a se moverem contra essas ações pois, de acordo com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo (2014), negar o ato é não aceitar que as mulheres sejam vistas como objetos sexuais ou vítimas, é provar que as mulheres têm controle pelo seu corpo e que têm voz e poder igualitários na sociedade.

Além de tudo, esses crimes deixam consequências à saúde física e mental da mulher, e os impactos mais comuns são ansiedade, depressão, alterações de peso, dores de cabeça, estresse e distúrbios do sono. Ademais, perderem ou diminuírem sua liberdade e direito de escolha, como mostra novamente a pesquisa do Think Olga (2013), onde 90% das mulheres já trocaram de roupa antes de sair de casa e 81% já deixaram de fazer algo, como ir a algum lugar, passar na frente de uma obra ou sair a pé, por medo de sofrerem tais abordagens.

METODOLOGIA

Este trabalho ocorreu por uma pesquisa exploratória (CARRATORE, 2005), que uniu informações preliminares, e um levantamento bibliográfico e pesquisa de dados secundários sobre o tema em sites como Google Acadêmico, Intercom, Capes e Scielo, pelas palavras-chave “ciberativismo” e “ciberativismo feminista”. Foi de caráter

descritivo (MATTAR, 2005) e qualitativo (CARRATORE, 2005) pois, houve o interesse em descrever e conhecer mais profundamente sobre certo fato.

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista em profundidade (GIL, 2008), semi-estruturada, com perguntas abertas, de cunho não probabilístico por julgamento. Minayo (2001) defende que a quantidade da amostra em pesquisas qualitativas não deve ser grande, mas suficiente pequena para que se possa aplicar e conhecer bem o objeto de estudo. Com isto em mente, a população foram todas as pessoas que já usaram o aplicativo SaiPraLá, e amostra de três mulheres que têm conhecimento no assunto por já terem usado o aplicativo.

O método de contato foi pela internet e pessoalmente sendo que a busca por entrevistados se iniciou em 03 de março de 2017 por meio de grupos feministas do Facebook, publicações em perfis privados e na *fanpage* do SaiPraLá. O pré-teste realizado pessoalmente com uma mulher que faz parte da amostra, foi no dia 26 de abril de 2017 e durou 22 m 52 s. A partir desta testagem da entrevista, foram retiradas e criadas novas perguntas de todos os blocos.

A entrevista deste estudo possui quatro blocos, divididos entre os três objetivos específicos e um bloco com intuito de identificar o perfil e obter *feedback*. As entrevistas, com recorte transversal simples, ocorreram no período de 29 de abril e 01 de maio de 2017. A primeira durou 19 m 37 s, a segunda durou 19 m 36 s e a última 15 m 37 s, e ocorreram por ligações de voz pelo Messenger do Facebook. Após a aplicação da entrevista, o tratamento dos dados foi feito por análise de conteúdo, na qual as respostas foram comparadas umas com as outras, observando semelhanças, diferenças e novos pontos, necessitando de interpretação em relação à fundamentação teórica (GOLDENBERG, 2000).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Aplicativo SaiPraLá

Para o entendimento completo da pesquisa, é preciso apresentar o objeto de estudo. O App SaiPraLá, funciona em um Contexto de Tela Cheia e Localização (FLING, 2009), por meio de um mapa do Google, onde são feitos registros de assédio sexual relacionados à endereços. Assim, em determinadas localizações encontram-se *pins* (alfinetes) que trazem informações sobre qual foi o tipo de assédio registrado, sendo este

mais um Contexto característico do App, o Informativo (FLING, 2009). Foi lançado em 03 de novembro de 2015 e possui hoje (2017), na Play Store, mais de 10.000 downloads.

O registro no App passa por etapas preestabelecidas. Depois de clicar no botão “Fui Assediada”, é preciso indicar o endereço onde o assédio ocorreu, para assim marca-lo no mapa. Em seguida, deve-se selecionar o período do dia do ocorrido: manhã, tarde, noite ou madrugada, e o tipo de assédio: sonoro, verbal, físico ou outros. Na sequência são oferecidas opções de sobre o que foi feito dentro das categorias de tipo de assédio, como por exemplo, o que foi dito, qual foi o tipo de contato. Após esses passos o assédio é registrado e é requerido, não obrigatoriamente, a idade, nome e e-mail.

Segundo a própria descrição do App na loja do Google Play (2017), o seu intuito é mapear o assédio e preveni-lo, a fim de expor os lugares com mais índices de assédio e pressionar para que os órgãos responsáveis pela segurança pública façam algo a respeito. Além de conscientizar a população de que o assédio é inaceitável e deve ser combatido.

Discussão dos Resultados

Nesta etapa encontra-se a análise do conteúdo, orientada pelos objetivos específicos, coletados nas entrevistas em profundidade. As três mulheres possuem idades de 21, 20 e 17 anos, o que confirma o fato de que a quarta onda do feminismo é protagonizada por mulheres jovens (O GLOBO, 2016). Duas delas moradoras de Balneário Camboriú e uma de Brusque, SC, região na qual a pesquisa foi divulgada por meio de grupos feministas no Facebook. É possível fazer uma relação entre as redes que mais usam quando, duas delas, conheceram o App dentro da sua rede social do Facebook (UGARTE, 2008). Abaixo é possível observar o perfil completo de cada uma delas.

Figura 1: Perfil das Entrevistadas.

Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3
		
21 anos	20 anos	17 anos
Balneário Camboriú	Balneário Camboriú	Brusque
Apenas estuda	Estuda e trabalha	Apenas estuda
Facebook Instagram Twitter	Facebook Instagram WhatsApp	WhatsApp Facebook Instagram

Fonte: Elaborado pela autora.

O primeiro objetivo específico visa avaliar a maneira como a ferramenta é utilizada. As entrevistadas conheceram o App em anos diferentes, 2015 e 2016. As Entrevistadas 2 e 3 o baixaram logo após terem conhecido, mostrando a motivação e intenção de usá-lo. Já a Entrevistada 1 baixou após o assédio ter acontecido, neste caso, chegou em casa, já sabendo da existência do App e o baixou, pois segundo ela, sentiu-se mal com o que ocorreu e queria fazer algo a respeito.

Em relação ao fato, é possível fazer uma comparação ao espaço de tempo onde aconteceu o assédio, até o registro ser feito e assim, saber onde elas estavam ao fazerem. A Entrevistada 2 tinha o App baixado e fez a denúncia algum tempo após ter baixado e o assédio ter acontecido. A Entrevistada 3 possuía o App no seu celular e quando o assédio ocorreu, já registrou. Ou seja, não existe, com as entrevistadas, um padrão ou uma tendência na maneira como os registros ocorrem.

Duas entrevistadas fizeram apenas um registro e a Entrevistada 2 fez duas vezes, neste último caso, o intervalo de registro foi de três meses. A Entrevistada 1 ainda possui o App em seu *smartphone* e as outras duas não, porque trocaram de celular. Isso aponta que para estas mulheres, não há uma grande motivação em dar continuidade ao uso e que este não é um App essencial, que precisa estar instalado.

Também foi perguntado se costumam olhar os registros existentes, a Entrevistada 3 disse que, quando tinha o App no celular, costumada olhar “[...] para saber onde eu poderia andar e me sentir tranquila”. As outras não costumavam olhar corriqueiramente, mas já haviam olhado, principalmente quando fizeram o seu registro. Ou seja, o App não se tornou rotina ou interesse em ver atualizações.

O segundo bloco da entrevista corresponde ao objetivo específico de conhecer o que motiva as mulheres a usarem o SaiPraLá. Elas acham que não é certo “mexer” com uma mulher na rua (Entrevistada 1), pois isso acaba “passando do limite da outra pessoa”, pois alguém desconhecido entra na intimidade dela (Entrevistada 2). Todas acreditam que o assédio pode ser resolvido com a conscientização e educação, ensinando nas escolas desde criança o respeito devido para com as pessoas; complementando o que Castells (2010) fala sobre o feminismo ser uma extensão dos direitos humanos, uma vez que a igualdade de gênero nada mais é do que respeito mútuo por qualquer indivíduo.

Para as entrevistadas a sua principal motivação para usar o App é baseado em dois pontos: pessoal e de sororidade. Pessoal, pois, segundo Entrevistada 3, serve de alerta para ela mesma. Sororidade para as outras mulheres verem o que aconteceu naquele local

e fiquem alerta ao passar ali (Entrevistada 2). Esta sororidade, segundo Souza (2015) é sustentada por um espírito de irmandade com empatia entre o gênero, um companheirismo, em situações semelhantes que as mulheres vivem. Elas vivem essa sororidade porque compreendem o que a outra também passa e querem ajudar.

Além destes dois motivos, a Entrevistada 1, que foi assediada por um motorista de táxi que a levava para casa, diz que se sentiu mais segura usando o App do que recorrendo a outros meios, como a polícia ou reclamar no ponto do táxi, exclusivamente no seu caso. Além disso, sabia que o registro no SaiPraLá não chegaria diretamente ao assediador, já que o medo de retaliação por parte do mesmo a preocupava, um fator que justifica o anonimato presente no registro. Além do dilema de não ter provas concretas. Soma-se a isto a inércia das instituições que deveriam oferecer proteção e tem-se como resultado mulheres que se veem isoladas, buscando caminhos alternativos para se sentirem melhor amparadas.

A Entrevistada 1 também ressalta que não fez denúncia na época pois não havia tanto em discussão a pauta feminista como hoje. Ela acredita que se acontecesse novamente, teria mais coragem de denunciar por conta de o feminismo estar mais presente em sua vida, uma vez que teria mais apoio, até mesmo para fazer algum texto no Facebook, explica, onde o diálogo poderia gerar visibilidade para o tema e o apoio de companheiras do movimento. Rede social esta que mais uma vez é mencionada, como forma de auxílio para o ciberativismo, e que segundo Coelho (2013) gera maior visibilidade, adesão e participação de pessoas, além de multiplicar essas ideias.

A vontade das mulheres em usarem novamente a ferramenta é positiva, pois afirmam que ela foi bastante útil e se algo ocorresse novamente, aquelas que não possuem mais o SaiPraLá nos seus celulares, baixariam de novo. Quando o assédio ocorre, as entrevistadas relatam que sentem muito medo e, em seguida, raiva. Aliado a uma sensação de impotência e invasão, tornando-se uma situação desconfortável, na qual a pessoa que faz o assédio “[...] acha que tem uma intimidade que não pertence a ela” (Entrevistada 3). Na hora, desejam responder de alguma maneira, mas têm incerteza da reação que o assediador pode ter, classificando assim a sensação de impotência.

A partir dessa sensação de impotência e medo, aliada ao fato de que elas não denunciaram em instituições formais, é que o App se torna uma opção. Quando questionadas se o SaiPraLá ajudava com esses sentimentos, elas responderam que sim, pois era um alívio usá-lo, como um desabafo. É assim que o uso da ferramenta ganha duas

dimensões, como uma forma de alertar outras mulheres e retirar esse sentimento de impotência. Quando fazem o registro do assédio, as entrevistadas adicionam o *pin* ao mapa como um serviço prestado a outras mulheres, e também como uma forma de expurgar todos os sentimentos negativos relacionados a experiência do assédio em si.

Quando perguntado se as entrevistadas se consideram feministas por usar o App, todas responderam que sim, mas não só por isso. Portanto, o SaiPraLá está inserido no contexto do movimento, pois a possibilidade de alertar outras mulheres e o relato de experiências pessoais, invoca a sororidade, termo que já foi exemplificado anteriormente e representa um dos valores centrais do feminismo.

O terceiro bloco da entrevista visa verificar a eficácia da ferramenta. Começando por identificar que as entrevistadas conhecem outras mulheres que sabem da existência do App, mas nenhuma conhece alguém que já tenha usado. Todas, porém, o indicaram para amigas e comunidades, incluindo um grupo do Facebook, maneira caracterizada como estratégia ciberativista e descrita por Ugarte (2008) e Malini e Antoun (2013).

A satisfação das entrevistadas de 1 a 5, em aspectos mais técnicos do App foram, na maior parte dos casos, acima da média, mostrando que na rapidez, interatividade do mapa, facilidade de usar, ser visualmente agradável e motivador é alto. Sobre a satisfação geral com o aplicativo, a nota média dada pelas três mulheres ficou 8,6.

Ao perguntadas qual o sentimento que aparecia quando estavam fazendo o registro, o que mais se destacou e repetiu foi o alívio. De acordo com a Entrevistada 1: “Porque eu tava muito agoniada com aquela situação, então pra mim foi como uma válvula de escape, digamos, foi uma forma que eu consegui resolver o meu problema, então foi um alívio muito grande pra mim”. Ainda surgiram palavras como liberdade e sororidade, a modo de que, para a Entrevistada 2, ela desabafa o que aconteceu para o App, além de alertar e ajudar outras mulheres com isso.

A finalidade do SaiPraLá para as entrevistadas é de alertar outras mulheres, para que saibam o que acontece em determinados lugares, no intuito de ficarem alerta quando estiverem por perto. O que condiz com o próprio intuito proposto pelo App, relatado na sua descrição na Play Store.

Além disso, acham que se muitas mulheres usarem o SaiPraLá é possível criar uma rede de segurança, uma conscientização. Logo, a Entrevistada 2 pensa que pode haver uma mudança na educação das pessoas, nos homens, pois poderão ver o que acontece e ver que todas as mulheres unidas têm força, assim talvez alguns homens

possam perceber que o que eles fazem é errado, mesmo achando que é um elogio. Já a Entrevistada 3 pensa que se muitas mulheres usarem o App, mais delas criarão coragem para denunciar na ferramenta ou em certos casos, talvez até na delegacia.

A última pergunta do bloco foi se as entrevistadas acham que o App pode prevenir o assédio e as opiniões foram distintas. As Entrevistadas 1 e 3 acreditam que o App pode prevenir o assédio em certos casos como em estabelecimentos. Já a Entrevistada 3 acredita que o App pode alertar e não prevenir, o que já ocorre. Em seguida, é possível encontrar um quadro relacionando os objetivos deste trabalho e os principais achados.

Quadro 1: Principais Achados.



Fonte: Elaborado pela autora.

A entrevista em profundidade permite avaliar outros aspectos como a maneira que o entrevistado responde, além ser a técnica mais precisa para entender emoções (GOLDENBERG, 2000). Assim sendo, foi notado a vontade das entrevistadas de falar sobre o assunto, pois, as respostas no geral foram robustas e bem desenvolvidas. Não houveram perguntas sobre qual assédio sofreram, mesmo assim, todas relataram. Uma com receio, outras com alívio e esperança de que havia alguém ouvindo e entendendo a sua situação, isto é, mais uma vez um exemplo de sororidade, dessa vez entre pesquisadora e entrevistadas.

O SaiPraLá apropria-se como ferramenta ciberativista de uma maneira diferenciada da que propõe Coelho (2013). Ele é uma forma de fazer ativismo em rede, na qual pessoas o usam por um mesmo objetivo, todavia, pelo registro ser anônimo, não há um perfil, nem interações. A única maneira de ocorrer visibilidade e adesão são nas redes sociais, o que aconteceu para que duas das entrevistadas pudessem encontrá-lo. Malini e Antoun (2013) discutem esse aspecto dizendo que para a informação chegar à

diferentes usuários, os grupos de discussão na internet servem de base a esses movimentos.

De acordo com Ugarte (2008), as entrevistadas caracterizam-se em um perfil ciberativista pois, utilizam internet para propagar o App e o discurso feminista. E claro, também pelo fato de usarem o SaiPraLá, que é uma ferramenta do ciberativismo, ou seja, um facilitador para se pôr em prática ações que condizem ao movimento. Essas ferramentas produzem informação e debate dentro e fora da rede, que tem a intenção de modificar o comportamento de várias pessoas, homens e mulheres, em relação ao assédio.

Entretanto com as entrevistadas, ainda não ocorreu nenhum caso na qual o App tenha alterado algum aspecto no mundo *off-line*, como proposto pela criadora do SaiPraLá, por meio de reivindicações de mais viaturas de polícia ou mais iluminação em certas ruas, por exemplo. Ainda fazendo uma relação com o que propõe a descrição do App, as entrevistadas concordam que a conscientização da população contra o assédio é uma das soluções, o que é um dos seus intuitos. É importante destacar que a ferramenta ainda pode transformar e transcender a esfera de alerta e sororidade, modificando a vida das mulheres que não usam o App ou não se incluem no movimento feminista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ciberativismo age como uma maneira de utilizar as ferramentas da rede para potencializar ações políticas de grupos e indivíduos, reunindo pessoas e modificando o seu comportamento (ARAÚJO, 2011). Movimentos como o feminismo, nas últimas décadas, ganharam força no meio online. Ele que defende os direitos das mulheres e, assim, a igualdade de todas as pessoas (GARCIA, 2015). Neste contexto, há ferramentas ciberativistas, como o App SaiPraLá, que possibilita o registro de assédio sexual de rua.

O aplicativo apropria-se como ferramenta ciberativista quando as usuárias o conheceram e recomendaram em suas redes sociais. Além da motivação do uso ser ligada com uma causa comum entre todas elas – o assédio – que por sua vez é uma pauta do movimento feminista do qual estão inseridas. Ademais, são motivadas pela sororidade, conforme alertaram o que aconteceu para outras mulheres, e por ser uma espécie de alívio e desabafo pessoal ao fazer o registro, pois sentem medo, raiva e impotência. Para elas, o assédio é algo que invade o espaço da outra pessoa. É um assunto que precisa ser ouvido e discutido segundo Santos (2015).

No que se trata da maneira como o usam não há um padrão relativo ao tempo em que conheceram o App, baixaram, o assédio ocorre e registraram. Usaram no máximo duas vezes e não costumam olhar o mapa. Já em relação à sua eficácia, o App tem uma boa impressão, os aspectos gerais são bons, a média da nota foi de 8,6, ele ajuda-as proporcionando esse alívio mencionado anteriormente, indo além da sua promessa básica.

A principal limitação da pesquisa foi conseguir pessoas habilitadas e dispostas a participarem da entrevista. Acredita-se que esta dificuldade é relativa ao pouco número de usuários presentes na região ou ao próprio tema da pesquisa – assédio sexual – ser delicado de se falar, principalmente com alguém desconhecido.

É sugerido para futuras investigações, uma pesquisa qualitativa sobre o SaiPraLá, para ampliar e complementar o conhecimento nesta ferramenta. Outra sugestão é que se pesquise mais sobre outras ferramentas ciberativistas e os resultados que elas proporcionam na vida de seus usuários. Para a área de Publicidade e Propaganda o estudo tem vínculo com o comportamento de consumo das usuárias, além de ser um estudo sobre a cibercultura e ser possível expor outras funcionalidades para aplicativos, ampliando a visão de marketing em relação às mídias digitais. Como mulher, usuária do aplicativo e feminista, o estudo proporcionou crescimento e aprendizados pessoais e acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Willian Fernandes. **Ciberativismo**: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil. V Simpósio Nacional ABCiber - Dias 16, 17 e 18 de Novembro de 2011 – UDESC/UFSC. Disponível em: <<http://abciber.org.br/simposio2011/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%207/10.E7/193-300-1-RV.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2017.
- BEZERRA, Mariana Lemos de Moraes. **“Chega de Fiu Fiu”**: uma campanha na Internet contra o assédio sexual em espaços público. In: INTERCOM - CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2016, Caruaru. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1848-1.pdf>>. Acesso em: 29 abril 2017.
- CARRATORE, Luís Roberto Rossi Del. **Pesquisa científica em comunicação**: uma abordagem conceitual sobre os métodos qualitativo e quantitativo. 2005. Disponível em: <<http://siaiap27.univali.br/material/?control=Arquivo&action=download&idArquivo=81652&id=84412>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- COELHO, Patrícia Margarida Farias. **O ativismo digital**: reflexões e apontamentos semióticos. 2013. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/edicao_8/1-ativismo_digital_reflexoes_apontamentos_semioticos-patricia_margarida_farias_coelho-marcos_rogerio_martins_costa.pdf>. Acesso em: 30 abril 2017.
- DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Folder Assédio**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://www.defensoria.sp.def.br/dpesp/repositorio/41/FolderAssedio.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

- DICIO. **Ativista** - Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ativista/>>. Acesso em: 28 abril 2017.
- FLING, Brian. **Mobile Design and Development**. Sebastopol: O'Reilly. 2009. Disponível em: <http://elibrary.bsi.ac.id/ebook/Mobile_Design_and_Development.pdf>. Acesso em: 02 maio 2017.
- G1. **Mulheres são maioria entre usuários de internet no Brasil, diz pesquisa**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/02/mulheres-sao-maioria-entre-usuarios-de-internet-no-brasil-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 19 mar. 2017.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. 3. ed. São Paulo: Claridade, 2015. _____ . **Breve histórico do movimento feminista no Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.ar/wp-content/uploads/2015/08/Capitulo-brasil-historia-do-feminismo.pdf>>. Acesso em: 17 abril 2017.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOOGLE PLAY. **SaiPraLá** - Apps para Android no Google Play. 2017. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.saiprala&hl=pt_BR>. Acesso em: 13 maio 2017.
- LE MOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Org.). **Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009. 156p.
- LE MOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MATOS, Marlise. **Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/06.pdf>>. Acesso em: 17 abril 2017.
- MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005. 1. v.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Revista Sociologia Política v.18, n 36, Curitiba, jun. p.15-23. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 08 abril 2017.
- PORTAL BRASIL. **Cantadas na rua são consideradas assédio sexual**. 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/11/cantadas-na-rua-sao-consideradas-assedio-sexual>>. Acesso em: 27 abril 2017.
- SANTOS, Simone Alves. **Assédio sexual nos espaços públicos: reflexões históricas e feministas**. Brasília, vol. 3, n. 6, 2015. ISSN 2318-1729.
- SILVA, Marcelo Morro da. **Os paradigmas de desenvolvimento de aplicativos para aparelhos celulares**. T.I.S. São Carlos, v. 3, n. 2, p. 1 62-1 70, mai-ago 2014.
- SOUZA, Babi. **Vamos juntas? O Guia da Sororidade para Todas**. São Paulo: Galera, 2015.
- THINK OLGA. **Chega de fiu-fiu**. 2014. Disponível em: <<http://thinkolga.com/cheга-de-fiu-fiu/>>. Acesso em: 09 fev. 2017.
- _____. **Chega de fiu-fiu: resultado da pesquisa**. 2013. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2013/09/09/cheга-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>>. Acesso em: 07 mar. 2017.
- UGARTE, David de. **O poder das redes: Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.